

MULHERES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: os desafios daquelas que acessam cursos técnicos historicamente masculinos

Mariglei Maraschin

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
<https://orcid.org/0000-0002-9705-1896>

Thais da Silva Dorneles

Colégio Técnico Industrial de Santa Maria
<http://orcid.org/0000-0003-2506-7570>

Martina Isnardo Gusmão

Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul
<http://orcid.org/0000-0002-4260-0958>

RESUMO:

A presente pesquisa está situada na área de Trabalho e Educação, vinculada à linha de pesquisa Políticas e Gestão em Educação Profissional e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM). O objetivo do texto é descrever quem são as mulheres que acessam os cursos subsequentes de uma instituição de Educação Profissional e problematizar ações necessárias para que elas acessem, permaneçam e visualizem inserção no mundo do trabalho. Caracteriza-se como um estudo qualitativo e exploratório, em que foram realizadas análises documentais e bibliográficas. Os instrumentos de produção de dados foram questionário semiestruturado, diário de campo, grupos focais e entrevistas. Os dados produzidos foram analisados sob o viés de análise de conteúdo, baseados nos seguintes eixos: quem são as mulheres estudantes dos cursos técnicos subsequentes, quais os motivos de ingressarem, permanecerem e suas perspectivas para o mundo do trabalho. Os sujeitos da pesquisa foram as mulheres estudantes dos Cursos Subsequentes de uma instituição de EPT, ingressantes nos anos 2018 e 2019. O estudo reconhece a importância de a política de Educação Profissional olhar para a trajetória delas nos cursos de EPT, de pensar o seu ingresso e permanência e de serem desenvolvidas novas pesquisas com o foco na temática. Aquelas que acessam os cursos subsequentes da instituição pesquisada têm, na maioria, entre 18 e 30 anos, são solteiras, possuem uma renda média familiar entre 1 e 2 salários mínimos e não possuem filhos. Os cursos subsequentes mostram-se fundamentais nas suas trajetórias, contribuindo para sua formação e para a inserção no mundo do trabalho. Com isso, os resultados da pesquisa apontam para a importância de desenvolvimento de ações e a criação de redes de apoio e acompanhamento dos sujeitos da Educação Profissional e, em especial, para aqueles cursos que historicamente constituíram-se como “masculinos”.

Palavras-chave: Educação Profissional. Mulheres. Trabalho. Cursos Subsequentes.

WOMEN IN PROFESSIONAL EDUCATION: THE CHALLENGES OF THOSE WHO ACCESS HISTORICALLY MALE TECHNICAL COURSES

ABSTRACT:

The present research is located in the area of Work and Education, linked to the research line Policies and Management in Professional and Technological Education of the Graduate Program of the Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM). The objective of the text is to describe who are the women who access the subsequent courses of an institution of Vocational Education and to problematize necessary actions for them to access, remain and visualize insertion in the world of work. It is characterized as a qualitative and exploratory study, in which documental and bibliographic analyzes were carried out. The data production instruments were a semi-structured questionnaire, field diary, focus groups and interviews. The data produced were analyzed under the content analysis bias, based on the following axes: who are the women students of the subsequent technical courses, what are their reasons for joining, staying and their perspectives for the world of work. The research subjects were women students of the Subsequent Courses of an EPT institution, entering the years 2018 and 2019. The study recognizes the importance of the Professional Education policy looking at their trajectory in EPT courses, thinking about their entry and permanence and the development of new research focusing on the theme. Those who access the subsequent courses of the researched institution are mostly between 18 and 30 years old, are single, have an average family income between 1 and 2 minimum wages and do not have children. Subsequent courses prove to be fundamental in their trajectories, contributing to their training and insertion in the world of work. With this, the research results point to the importance of developing actions and the creation of support and monitoring networks for the subjects of Vocational Education and, in particular, for those courses that historically constituted themselves as “masculine”.

Keywords: Professional education. Women. work. Subsequent Courses.

MUJERES EN LA EDUCACIÓN PROFESIONAL: LOS DESAFÍOS DE QUIENES ACCEDEN A CARRERAS TÉCNICAS HISTÓRICAMENTE MASCULINAS

RESUMEN:

La presente investigación se ubica en el área de Trabajo y Educación, vinculada a la línea de investigación Políticas y Gestión en Educación Profesional y Tecnológica del Programa de Posgrado del Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM). El objetivo del texto es describir quiénes son las mujeres que acceden a los cursos posteriores de una institución de Educación Profesional y problematizar las acciones necesarias para que ellas accedan, permanezcan y visualicen la inserción en el mundo del trabajo. Se caracteriza por ser un estudio cualitativo y exploratorio, en el que se realizaron análisis documentales y bibliográficos. Los instrumentos de producción de datos fueron un cuestionario semiestructurado, diario de campo, grupos focales y entrevistas. Los datos producidos fueron analizados bajo el sesgo de análisis de contenido, a partir de los siguientes ejes: quiénes son las mujeres estudiantes de los cursos técnicos posteriores, cuáles son sus motivos de ingreso, permanencia y sus perspectivas para el mundo del trabajo. Los sujetos de investigación fueron mujeres alumnas de los Cursos Posteriores de una institución EPT, ingresando los años 2018 y 2019. El estudio reconoce la importancia de la política de Educación Profesional mirando su trayectoria en los cursos EPT, pensando en su ingreso y permanencia y el desarrollo de nueva investigación centrada en el tema. Quienes acceden a los cursos posteriores de la institución investigada tienen en su mayoría entre 18 y 30 años, son solteros, tienen un ingreso familiar promedio entre 1 y 2 salarios mínimos y no tienen hijos. Los cursos posteriores resultan fundamentales en sus trayectorias, contribuyendo a su formación e inserción en el mundo del trabajo. Con eso, los resultados de la investigación apuntan para la importancia del desarrollo de acciones y la creación de redes de apoyo y acompañamiento para las asignaturas de Formación Profesional y, en particular, para aquellas carreras que históricamente se constituyeron como “masculinas”.

Palabras clave: Educación Profesional. Mujeres. Trabajo. Cursos posteriores.

Introdução

O presente texto é um recorte da dissertação: “MULHERES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: MOVIMENTOS DOS CURSOS SUBSEQUENTES DO COLÉGIO TÉCNICO INDUSTRIAL DE SANTA MARIA” aprovado no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa teve por objetivo “analisar os movimentos das mulheres na trajetória e perspectivas após os cursos subsequentes do CTISM, nos anos 2018 e 2019”. Considerou-se que existiam poucas mulheres ocupando as vagas dos cursos técnicos subsequentes ofertados no CTISM. Por isso, neste texto, objetiva-se descrever quem são as que acessam os cursos subsequentes de uma instituição de Educação Profissional e problematizar ações necessárias para que elas acessem, permaneçam e visualizem inserção no mundo do trabalho na Educação Profissional.

A Educação Profissional tem assumido um lugar de destaque nas pesquisas, assim como a temática da mulher. Observa-se, no entanto, que pesquisas sobre essa temática na Educação Profissional são escassas e recentes (DORNELES, 2020).

A Rede federal de Educação Profissional é composta por Institutos Federais, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (Cefet-RJ) e de Minas Gerais (Cefet-MG), escolas vinculadas às Universidades Federais e Colégio Pedro II (BRASIL, 2018). O CTISM é uma escola vinculada que oferta há cinquenta e cinco anos ensino público, gratuito e de qualidade, para todas as classes sociais. Atualmente, os níveis educacionais ofertados pelo CTISM são: Educação Profissional, Graduação e Pós-Graduação. A Educação Profissional está dividida em Técnico Integrado, Técnico Subsequente e PROEJA. O Técnico Subsequente possui sete cursos, que são: Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Mecânica, Segurança do Trabalho (Projeto Político Pedagógico e Soldagem (Projeto Político Pedagógico CTISM, 2011).

Desse modo, buscou-se pelo olhar das mulheres estudantes dos Cursos Subsequentes de uma instituição de Educação Profissional. Em um primeiro momento, apresentam-se reflexões sobre a Educação Profissional e as matrículas femininas, assim como as características das estudantes pesquisadas e, na sequência, os motivos das pesquisadas para cursar um curso de Educação Profissional e as relações com o mundo do trabalho. O texto encerra com sugestões de ações para inclusão delas em cursos ditos masculinos na EPT. Importante registrar o lugar de fala e de escuta (TIBURI, 2018) promovido e defendido pela pesquisa.

Referencial Teórico

A Educação Profissional no Brasil possui significativa importância para a classe trabalhadora, pois pode dar um novo sentido para a realidade em que está inserida e assim ser agente transformador da sua realidade social pela profissionalização. Iniciada com a chegada dos colonizadores e, logo em seguida, dos jesuítas, a necessidade de mão de obra barata e especializada demandou força de trabalho para os projetos de expansão da cultura europeia. Essa realidade fez com que indígenas e as pessoas escravizadas fossem os primeiros aprendizes de ofícios. O ensino estava direcionado a ofícios ligados às atividades de carpintaria, de ferraria, de construção de edifícios, embarcações, de pintura, produção de tijolos e tudo que estivesse ligado às necessidades da época e que exigisse esforço braçal, assim sendo direcionado exclusivamente aos homens:

Percebe-se que a história da Educação Profissional no Brasil, possui uma relação íntima entre as necessidades econômicas-sociais, com vistas à manutenção do sociometabolismo do capital, com a formação para o trabalho. Seu papel sempre esteve subjugado e atrelado à instrumentalização do operário. (ROCHA, 2016, p.01).

Ou seja, a Educação Profissional surgiu para alimentar e retroalimentar o sistema utilizando da força do trabalho das classes sociais mais pobres, e não como uma educação emancipadora do sujeito. Entretanto, em 20 de novembro, foi sancionada a Lei 9.394/1966, que dispõe sobre a Educação e propõe-se a dedicar à educação profissional brasileira um caráter de inclusão social, vencendo o entendimento inicial de ser uma formação para pobres e excluídos.

Nesse contexto, corrobora também a Lei Nº 13.005/2014 que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE), que entrou em vigência em 25 de junho de 2014, e estabelece diretrizes, metas e estratégias para os próximos dez anos da Educação Brasileira (Observatório do PNE, 2018). O *site* do Observatório do Plano Nacional de Educação (OPNE), apresenta as metas a serem atingidas para Educação Profissional. A Educação Profissional está descrita como a meta número 11 do PNE e tem por objetivo “triplicar as matrículas da educação profissional Técnica de Nível Médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% da expansão do segmento público.” (Observatório do PNE, 2022).

Atualmente, conforme o OPNE (2022), são 1.936.094 matrículas na Educação Profissional (ano base 2020). Para entender melhor onde estão as mulheres da Educação Profissional, realizou-se uma busca nos dados disponibilizados pela Plataforma Nilo Peçanha (PNP)¹. Verificou-se o ano de 2019 com ano base 2018, e obtiveram-se os seguintes resultados para as matrículas nos cursos subsequentes:

Figura 1 - Sexo e Faixa Etária dos estudantes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica



Fonte: Plataforma Nilo Peçanha, 2019.

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica tem um total de 187.627 matrículas no tipo de oferta subsequente, distribuídas nas suas 517 unidades espalhadas pelo país; destas, 90.102 são matrículas de mulheres, que representam um número significativo. A faixa etária é diversa, porém a idade com maior número de mulheres é entre 20

¹ É um ambiente virtual de coleta e validação das estatísticas oficiais da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede Federal), para fins de cálculo dos indicadores de gestão monitorados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC)

e 24 anos. Ultrapassando a idade em que normalmente se conclui o Ensino Médio, que é 17/18 anos.

Na sequência, a fim de analisar novos dados, efetuou-se uma nova pesquisa, selecionando as opções UFSM – CTISM, Curso Técnico Subsequente, que resultou o gráfico abaixo:

Figura 2 - Sexo e Faixa Etária dos estudantes do CTISM dos Cursos Técnicos Subsequentes.



Fonte: Plataforma Nilo Peçanha, 2019.

Os dados obtidos na PNP demonstram que o CTISM tem apenas 106 mulheres matriculadas nos cursos de oferta subsequente, contra 511 matrículas masculinas. As mulheres representam apenas 21% das matrículas, distribuídas nos 07 cursos técnicos subsequentes. A maioria dessas mulheres estão na faixa etária entre 20 e 24 anos, e existe uma pequena parcela de mulheres acima de 40 anos. No histórico do CTISM, verifica-se que a instituição foi criada para atender uma demanda mercadológica da época. Na intenção de atender essa necessidade, iniciou ofertando cursos que atendessem o interesse de um público masculino. Dorneles (2020),

p. 13), afirma “que o trabalho e a educação para as mulheres se construiu de forma diferente do significado de trabalho e educação para os homens” e neste sentido verifica-se que ao pensar sobre o trabalho, aí tem-se um verdadeiro problema de gênero (TIBURI, 2018). Desse modo, entende-se o porquê de o público que menos acessa os cursos subsequentes de Educação Profissional e Tecnológica do CTISM ser as mulheres, pois em uma perspectiva de construção histórico-social ainda se acredita que esses cursos são destinados aos homens e não às mulheres. De um certo ponto de vista, pode-se pensar que mulheres não são capazes de realizar esses trabalhos, pois inicialmente exigiam força braçal e, biologicamente, homens possuem mais força física que mulheres; no entanto, em dias atuais há tecnologia suficiente para que esses trabalhos sejam realizados independente do gênero, mas das habilidades e conhecimento de quem está operando as técnicas necessárias para o desempenho do trabalho.

Ainda no sentido de socialização feminina, Silvia Federici (2019), colabora dizendo que “desde os primeiros dias da sua vida, você tem sido treinada para ser dócil, subserviente, dependente e, o mais importante, para se sacrificar e até mesmo sentir prazer com isso.” (FEDERICI, 2019, p. 44). Essa construção social está diretamente articulada com o sistema capitalista, que mantém mulheres dedicadas ao cuidado, aos trabalhos não remunerados e também aos remunerados, que na maioria, estão interligados ao cuidado. Desse modo, entende-se que mulheres são capazes de administrar a casa, cuidar, educar suas crianças, limpar, passar, ser responsável pelos enfermos da família, sem remuneração, no entanto, do ponto de vista capitalista, este trabalho sem remuneração é uma forma de demonstração de amor e devoção à sua família. Estes trabalhos de cuidado, que precisam de amor e afeto, são entendidos como trabalhos femininos, logo no mundo do trabalho são as mulheres que desempenham estes serviços, deste modo, sendo remuneradas por terceiros pelos mesmos trabalhos que realizam em seus lares. Porém, defende-se e acredita-se que mulheres possuem muitas outras qualidades além do servir, que podem realizar os trabalhos ditos masculinos, e que a Educação Profissional e Tecnológica tem oportunidade de quebrar paradigmas e barreiras nessas questões, emancipando mulheres em outras profissões e em trabalhos que realmente façam sentido para elas.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa caracterizou-se como um estudo qualitativo e exploratório, em que foram realizadas análises documentais e bibliográficas. Realizou-se um levantamento bibliográfico, documental, busca em periódicos científicos, legislações e documentos institucionais.

Aplicou-se questionário que Gil (2008, p.121) classifica como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Utilizou-se questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas e teve por objetivo identificar as mulheres que ingressaram nos Cursos Subsequentes do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria e, ainda, faixa etária, renda familiar, estado civil, situação de trabalho, curso escolhido, entre outros que aprofundaram esta pesquisa.

Organizaram-se dois grupos focais após o questionário. O primeiro com as mulheres estudantes ingressantes no Curso Subsequente em Segurança do Trabalho em 2019; o segundo com as ingressantes no Curso Subsequente em Segurança do Trabalho em 2018. Isso porque quando analisados os dados produzidos pelo Setor de Registros Escolares do CTISM, pôde-se perceber que esses cursos possuíam um número significativo de mulheres e, assim, deduziu-se que não seria difícil reuni-las.

Nesse sentido, o grupo focal é uma técnica centrada nas interações, expressas através das opiniões contextualizadas referente a determinado tema, configurando-se numa abordagem qualitativa, muito utilizada em pesquisas sociais (GATTI, 2012). O objetivo do grupo focal foi de evidenciar a percepção delas sobre o tema pesquisado, propondo um debate aberto para o compartilhamento de experiências, de opiniões e a elaboração de diferentes representações sobre o assunto. Buscou-se com o grupo focal construir respostas às questões norteadoras do projeto, a partir de análise da realidade vivenciada pelas estudantes dos Cursos Subsequentes do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria - CTISM. Gatti (2012) explica que o pesquisador inserido no universo dos pesquisados faz com que seja possível descobrir como algo efetivamente funciona ou se desenvolve. Entende-se como necessário dar voz às mulheres desta pesquisa nos grupos focais, para a construção dos dados com significado. Planejou-se organizar um terceiro grupo focal com as dos outros Cursos Subsequentes, porém não foi possível um horário em que todas pudessem participar e muitas delas fugiam, justificando com as mais diversas desculpas. Frente a isso, optou-se por ir até o CTISM, e encontrá-las nos momentos

em que estavam fora da sala de aula para realizar entrevistas. Com isso, conseguiu-se entrevistar um total de cinco mulheres estudantes dos outros Cursos Subsequentes do CTISM. A entrevista, segundo Marconi & Lakatos é “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (MARCONI & LAKATOS, 1999, p.94).

Os momentos foram registrados em diário de campo, que permeou toda produção de dados do estudo. A ideia foi o “pesquisador mergulhar de cabeça no campo que observará a partir de uma perspectiva de membro” (FLICK, 2009, p. 207). Compreende-se:

A pesquisa científica, sendo o movimento de contínua penetração do ignorado da realidade e de conversação do desconhecido em conhecido, compendia-se em duplo processo, objetivo e subjetivo. Mas estes dois aspectos só aparecem em tal divisão para fins de descrição fenomenológica, pois em verdade trata-se de um só movimento, aquele pelo qual a consciência, enquanto produto do mundo, se inclui no processo geral do mundo, sob a forma de retorno representativo dele a ele mesmo, e isso é o que se chama “subjetividade”, e de propulsão da racionalidade do conhecimento, sob a forma de incremento da autoconsciência universal, cuja expressão suprema encontra-se na ciência. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 502).

Os dados quando analisados precisam buscar o sentido da ação coletiva, ou seja, de modo a conhecer os sentidos e as racionalidades que fazem cada ser humano agir e produzir a sociedade onde vivemos (MARASCHIN, 2015). De forma mais específica, procurou-se produzir as compreensões das mulheres estudantes sobre seus lugares nos Cursos Subsequentes do CTISM, tendo como base os seguintes eixos: quem são as mulheres estudantes dos cursos técnicos subsequentes, quais os motivos de ingressarem, permanecerem e suas perspectivas para o mundo do trabalho.

Reuniu-se o material conforme a análise de conteúdo de Bardin (2011) em que foram organizados os três polos cronológicos. O primeiro tratou-se da pré-análise, que “é a fase da organização propriamente dita” (BARDIN, 2011, p. 126). Nela, foram transcritos os grupos focais e entrevistas por grupos organizados em Grupo Focal 1, Grupo Focal 2, e entrevistas, denominadas mulher 1, mulher 2, e assim sucessivamente. Seguindo a etapa da “Leitura Flutuante”, após foram escolhidos os documentos, constituídos pelo *corpus* relacionado às entrevistas, aos grupos focais, ao questionário e ao diário de Campo a serem submetidos à análise e, a seguir, foram formuladas as categorias conforme a problematização, os objetivos, e os eixos de análise. O segundo momento constou da exploração do material que “é a aplicação sistemática das decisões tomadas.” (BARDIN, 2011, p. 131), ou seja, a codificação,

correspondente à transformação que permitiu atingir “uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (idem, p. 133).

Por último, ocorreu o tratamento dos resultados obtidos e interpretação (Bardin, 2011). “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos.” (Idem, p. 131). Nessa etapa, as categorias foram encerradas e sistematizadas em formas de discursos e incorporadas ao texto. Na sequência, serão introduzidos os discursos produzidos, intercalando com a teoria. A seção a seguir trata da categoria “quem são as mulheres estudantes dos cursos subsequentes da Instituição pesquisada.”

Quem são as mulheres estudantes dos cursos subsequentes da Instituição pesquisada?

Para um primeiro contato com os dados de ingresso dessas mulheres dos Cursos Técnicos Subsequentes, buscou-se junto ao Departamento de Registros Escolares da Instituição pesquisada, informações e dados do sistema escolar, a fim de conhecer o número das que ingressaram nos CS, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente.

Dessa forma, o número de ingressantes, no ano de 2018, foi de trinta e sete distribuídas nos sete Cursos Técnicos Subsequentes. Junto aos dados recebidos de ingresso, receberam-se os dados de desistências, sinalizando que treze evadiram dos cursos. Assim, restando 24 matriculadas nos CS que ingressaram no ano de 2018. O trabalho não teve como objetivo estudar a evasão escolar, mesmo que seja um tema de grande relevância e importância. Porém, acredita-se que olhar a evasão na Educação Profissional é urgente, assim como nesse caso pensar o porquê as poucas mulheres que ingressam ainda evadem-

Nesse sentido, Silveira (2017, p.27), compreende que “as temáticas de evasão e retenção ocupam um espaço de preocupação no cenário de políticas públicas educacionais, visto que várias ações são implementadas para minimizar os seus efeitos.” Essas políticas educacionais são importantes para evitar que os estudantes desistam dos cursos, aumentando a taxa de conclusão. A autora ainda diz que “compreender a evasão é uma tarefa complexa, visto a não existência de uma única causa, que possa ser preditora do comportamento de abandonar a escola.” (SILVEIRA, 2017, p.85). Desse modo, a evasão escolar não possui apenas um critério, ou uma motivação, está relacionado ao ambiente social e suas relações em que os estudantes estão inseridos.

Dentro desse contexto, Almeida (2019, 62), destaca que “a natureza com que os Cursos Subsequentes foram construídos, ao longo da história, carrega a chancela de serem constituídos por trabalhadores estudantes”. E, diz ainda que “trata-se de uma especificidade simbólica, ou seja, antes de serem estudantes são trabalhadores, marcados pelas experiências do mundo do trabalho, bem como pelas inseguranças e incertezas próprias do mercado de trabalho.” (ALMEIDA, 2019, p. 62). Diante o exposto, explica esta relação trabalhador estudantes com a evasão, “a incompatibilidade entre trabalhar e estudar.” (ALMEIDA, 2019, p.62). A evasão tem relação com os mais diversos motivos, a relação da necessidade de trabalhar e o conseguir estudar, faz com que os estudantes acabem desistindo e optando apenas pelo trabalho.

Retomando os dados recebidos pelo Departamento de Registros Escolares da instituição pesquisada, o número das ingressantes, no ano de 2019, foi de vinte e oito, e cinco desistências, resultando vinte e três ingressantes no referido ano. Desse modo, no ano de 2018, possui 35% de registro de evasão escolar, contra 17,86% no ano de 2019. Assim, analisou-se que, no ano de 2018, possuiu maior número de matrículas, mas também teve maior número de desistências. Notou-se que em ambos os anos o maior número de matrículas aconteceu no Curso Técnico Subsequente em Segurança do Trabalho, e em outra perspectiva o Técnico em Soldagem é o curso com menor procura pelas mulheres. Aponta-se para o fato de possuir apenas uma mulher matriculada no referido curso, tanto no ano de 2018, quanto no ano de 2019.

No momento em que se buscaram os sujeitos da pesquisa para aplicação do questionário, percebeu-se que o curso técnico subsequente em segurança do trabalho foi o curso em que menos encontraram-se mulheres, em relação ao número das matriculadas, mesmo que o setor de registro de matrículas aponte que o presente curso possui o maior número de matrículas. “Durante a aplicação do questionário, aconteceram relatos de desistências, não foram aprofundados e tão pouco informados os motivos” (Diário de campo, 10 out 2019).

Considera-se que as desistências das mulheres, assim como a evasão nos cursos precisam ser estudadas. Desse modo, também se percebe que não se encontraram as mulheres dos cursos em Mecânica e Eletrônica para aplicação do questionário, não soube se houve desistência ou apenas um desencontro. Para conhecer a faixa etária das que estão nos Cursos Subsequentes em Automação Industrial, Eletromecânica, Mecânica, Segurança do Trabalho, Soldagem, Eletrônica e Eletrotécnica, produziu-se a Tabela a, em que fica demonstrado uma relação de aproximação no perfil das mulheres estudantes ingressantes no ano de 2018, como nas do ano 2019.

Tabela 1 - Idade das mulheres estudantes dos Cursos Subsequentes do CTISM

Idade	2018	2019
Entre 18 e 21 anos	4	4
Entre 22 e 30 anos	5	5
Entre 31 e 40 anos	2	1
Entre 41 e 50 anos	1	2
Outra	0	2

Fonte: DORNELES, 2020.

Existe uma relação de proximidade na faixa etária, em ambos os anos, a maioria tem entre 18 e 30 anos, possuem uma renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos, conforme representado na Tabela 2 e são solteiras, em sua maioria, conforme apresenta-se na Tabela 3.

Tabela 2 - Renda média familiar das mulheres estudantes dos Cursos Subsequentes do CTISM

Renda média familiar	2018	2019
1 salário mínimo	1	2
Entre 1 e 2 salários mínimos	5	5
Entre 2 e 3 salários mínimos	2	3
Entre 3 e 4 salários mínimos	2	1
Mais de 06 salários mínimos	2	2

Fonte: DORNELES, 2020.

Tabela 3 - Estado Civil das mulheres estudantes dos Cursos Subsequentes do CTISM

Estado civil	2018	2019
Solteira	10	11
União Estável	1	1
Casada	1	1
Separada	0	1
Viúva	0	0

Fonte: DORNELES, 2020.

Segundo o IBGE (2018), quase $\frac{1}{4}$ das famílias brasileiras vivem com um orçamento mensal, cujas receitas são no máximo dois salários mínimos. Esse percentual corresponde a um grande contingente, com cerca de 44,8 milhões de pessoas em 16,5 milhões de famílias. O IBGE

(2018) apresenta sete classes de rendimento social, definindo-as em salários mínimos, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Classes de rendimento total mensal familiar.

Reais mensais (R\$)	Salários mínimos
Até 1 908 (1)	Até 2 (1)
Mais de 1 908 a 2 862	Mais de 2 a 3
Mais de 2 862 a 5 724	Mais de 3 a 6
Mais de 5 724 a 9 540	Mais de 6 a 10
Mais de 9 540 a 14 310	Mais de 10 a 15
Mais de 14 310 a 23 850	Mais de 15 a 25
Mais de 23 850	Mais de 25

Fonte: IBGE - Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimentos, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018.

Desse modo, as mulheres estudantes dos cursos técnicos subsequentes do CTISM estão inseridas em uma realidade social de baixa renda familiar. Assim, prossegue-se analisando o perfil das ingressantes em 2018 e 2019, a maioria não possui filhos, conforme representado na Tabela 4. No entanto, percebe-se que existe um número significativo daquelas que são mães nos CS do CTISM, e a maternidade ao mesmo tempo que pode ser um motivador para uma mãe estudar e buscar um futuro melhor para si e seus filhos, pode ser um dificultador quando essa mulher não possui uma rede de apoio, que é de extrema importância para que a mulher estude tranquila, sabendo que seu filho está sendo cuidado por pessoas responsáveis. Ou, ainda os professores tenham a compreensão e um olhar empático para a estudante, e compreendendo a importância e o significado de estudar, pois a maternidade não anula suas capacidades, mas as potencializa.

Tabela 4 - Relação maternidade das mulheres estudantes dos Cursos Subsequentes do CTISM.

Filhos	2018	2019
Sim	3	5
Não	9	9

Fonte: DORNELES, 2020.

Pode-se, de uma forma breve, conhecer as mulheres estudantes do CS do CTISM. De posse desses dados, percebeu-se que existe uma relação de proximidade entre as ingressantes em 2018 e as ingressantes em 2019. A maioria tem entre 18 e 30 anos, são solteiras, possuem uma renda média familiar entre 1 e 2 salários mínimos, e não possuem filhos. Essas proximidades em suas semelhanças, não significa que exista um perfil ideal e/ou pré-estabelecido para ingresso nos CS do CTISM. No entanto, este primeiro momento sinalizou que existem as relações.

Os motivos de cursar os cursos subsequentes e a relação com o trabalho

Em relação aos principais motivos que fizeram as mulheres estudantes buscar o Curso Técnico Subsequente, suas narrativas são muito próximas, acreditam que precisam ter conhecimento técnico aplicado, desejam ter mais vivências. Consideram-se aptas para ingressar no mundo do trabalho e narram o desejo de serem especialistas naquela área. Importante aqui destacar que “os Cursos Técnicos Subsequentes promovem para além da técnica, da regra e da norma. Trata-se de um movimento de dentro para fora, de um olhar para si, para a segurança do trabalho, para a saúde física e mental [...]” (ALMEIDA & MARASCHIN, 2020, p. 101).

***Me1:** Para ter mais prática. **Me2:** Mais experiências porque tinha saído do Ensino Médio, não tinha nada e não sabia o que fazer da vida. Tinha feito o EMAI[1] e como é só um profissionalizante. Como não tinha arranjado emprego em nada, resolvi fazer para ter mais experiência **Me3:** Foi especialização, porque sou formada em Segurança do Trabalho e queria uma especialização em eletricidade. **Me4:** Foi busca de melhor oportunidade de trabalho **Me5:** Eu busquei o subsequente logo depois que eu saí do ensino médio. Eu acabava fugindo do perfil dos meus colegas que estavam afastados a mais tempo, mas o principal motivo era porque eu não sabia o que queria fazer no ensino superior [...] (ENTREVISTAS – Mulheres estudantes, 2019 – grifos nossos)*

Percebe-se que aquelas que concluíram o Ensino Médio e logo ingressaram no Curso Técnico Subsequente evidenciam em seus discursos que a Educação Profissional é um caminho inicial em suas vidas, e que percebem necessidade em dar continuidade em seus estudos após a conclusão do curso.

Sobre a relação do curso e o modo que este contribui para a melhoria do trabalho delas destacam:

Me1: *Eu faço engenharia e serve para a parte prática e serve aquela parte prática já que a engenharia é mais teórica.* **Me2:** *Optou por não responder a pergunta, disse que não sabia.* **Me3:** *Bom acabou que agora eu trabalho na área da elétrica, não trabalho mais com a segurança do trabalho, então tipo mudou tudo.* **Me4:** *Tem me dado mais oportunidades. O curso abrange várias áreas, né. Ele não te dá oportunidade só numa área específica, então além de eu me qualificar na (citou o curso que está matriculada) eu posso trabalhar em áreas diversas.* **Me5:** *Eu acho que ele, enfim eu não estou trabalhando agora, mas eu acho que dentro das propostas de estágio que eu vejo chegar no meio, vou conseguir aliar ele com a mecânica, ele tem me dado mais possibilidades de áreas de atuação e em si eu acho que ele preencheu algumas lacunas de conhecimento que eu tinha e me permitiu ampliar outras, principalmente, sei lá nas áreas de automação e de projeto que eu era bem ruim, assim, aí foi isso. Consegui criar novas habilidades, pelo menos na “eletro” tu projeta as coisas, não são coisas que existem e tu mede elas com paquímetro e deu. Tu imagina elas, tu calcula e projeta e eu acho que amplio este tipo de área de conhecimento. (ENTREVISTAS – Mulheres estudantes ingressantes, 2019 - grifos nossos)*

Suas narrativas, mais uma vez, apontam para o fato de acreditarem que, nos cursos técnicos subsequentes, irão aprender muito mais do que a teoria, vão poder vivenciar e experimentar como fazer o trabalho, aliando a outras formações que já possuem. Nesse sentido, Almeida (2019) defende:

Os sentidos do trabalho se constituem, assim, por meio da ação das relações sociais e da produção do trabalho. Por conseguinte, para que o trabalho se processe em conformidade com uma sistematização, os homens atribuem sentidos ao trabalho que desempenham, de acordo com suas percepções, como algo construído histórico, social e culturalmente. (2019, p. 87)

As mulheres estudantes argumentam que o curso pode vir abrir novos espaços de trabalho e que o curso amplia outras áreas de conhecimentos. Nessa mesma perspectiva, nas entrevistas, pergunta-se se elas se veem trabalhando na área baseada no curso em que estão matriculadas. Nesse momento, a maioria das respostas foram diretas, apenas a mulher estudante 5 aprofundou sua resposta, argumentando que ingressou no curso antes da reforma e, com a reforma, foram acrescentadas mais três disciplinas que possuía interesse e acabou desapontada por não cursar esta disciplina que acredita ser importante para área que tem interesse em trabalhar no futuro.

Me1: *Eu acho que sim.* **Me2:** *Não mais.* **Me3:** *Sim* **Me4:** *Não respondeu* **Me5:** *Sim, eu pretendo. Eu fico triste, porque eu fiz o curso antes da reforma, que*

começou este ano e agora na reforma tem duas ou três matérias novas e uma delas é fotovoltaica que eu queria ter feito, queria ter aprendido e no futuro eu pretendo trabalhar com energia de fonte renovável me vejo trabalhando, mas no futuro para depois que eu puder estudar engenharia, alguma coisa. (ENTREVISTAS – Mulheres estudantes ingressantes, 2019)

Frente ao exposto, os motivos de estar nos Cursos Subsequentes do CTISM estão conectados ao aprender para além da teoria, ao poder experimentar a prática, e às novas portas que o Curso Técnico pode proporcionar para o mundo do trabalho. Diante dos seus discursos, mais uma vez, permite-se pensar que muitas são sinônimo de resistência, são mulheres-trabalhadoras-estudantes, que após um dia exaustivo de trabalho, continuam percorrendo o caminho do conhecimento por meio de um curso de Educação Profissional.

E, por isso, defende-se que em cursos historicamente “masculinos” na EPT sejam pensadas ações para a permanência e o sucesso das estudantes. É o que destacou Dorneles (2020) em seu estudo, que se passa a expor a seguir.

Ações para inclusão das mulheres nos cursos historicamente “masculinos” na Educação Profissional

A partir da verificação que os cursos subsequentes na instituição pesquisada têm, na sua grande maioria, pouca procura por mulheres e também o fenômeno da evasão, busca-se fazer algumas reflexões e sugestões para maior acesso e permanência nos cursos. Entende-se, parafraseando Tiburi (2018), que se deve construir espaços “da misoginia ao diálogo”, um desejo de diálogo ou de crítica consistente, diante da multiplicidade de vozes, de seres expressivos e inventores de mundos ao mesmo tempo.

Diálogo é um movimento entre presenças que diferem entre si. O feminismo é, nesse sentido, uma utopia concreta, em que o enlace entre política e ética orienta-se em defesa da singularidade das pessoas. o feminismo é a própria democracia que queremos, mas uma democracia profunda, que começa colocando a questão dos direitos das mulheres e avança, interrogando a urgência dos direitos de todos que sofrem sob jugos diversos, em cenários dos quais o poder do capital estabelece toda forma de violência, das mais sutis às mais brutais. (TIBURI, 2018, p.46)

Foi o que se promoveu com a pesquisa e o que se acredita ser constantemente gestado e vivenciado em todos os espaços e em especial na Educação Profissional. Isso porque as matriculadas em cursos com mesmo número ou inferior de homens estudantes demonstram preocupação com as dos Cursos Subsequentes que têm uma ou mais matriculadas, apontando

para o fato de perceberem que esses cursos com maior número de homens fazem com que elas não consigam ter representatividade feminina, para assim no coletivo levantar a voz e se fazerem respeitar.

Me1: [...], mas pensando em outros cursos como mecânica, eletromecânica, eletrotécnica, enfim eu imagino que as gurias devam sentir muito mais sobre isso. A pesquisa sobre permanência é necessária porque elas desistem? Para nós a maioria das gurias ficou, mas em outros cursos se vê o contrário. De fato, são cursos bem masculinos. Me2: Não necessariamente do nosso curso, mas destes cursos que tem mais homens do que mulheres, talvez muitas desistam porque não veem nenhuma mulher ou na profissão, ou atuando na carreira e tudo mais, e pode pensar “ah isso não é trabalho de mulher”, eu vou desistir, então isso também é uma forma de sei lá, uma visão equivocada. Me4: eu acho importante, não só para estar adquirindo dados de como as mulheres se sentem, mas a partir disso estar buscando formas de solucionar, para que isso atraia mais mulheres para os cursos, porque muitas vezes tu acaba não fazendo um curso, justamente por pensar que só vai ter homem lá e tipo não conseguir lidar, sabe? Então estar buscando soluções para que as mulheres se sintam atraídas para os cursos também. (GF.2 – Mulheres estudantes ingressantes 2018, grifos nossos)

As mulheres estudantes dos cursos técnicos subsequentes do CTISM com uma ou mais mulheres reconhecem a falta de outras e percebem-se como vitoriosas quando conseguem concluir o curso. Nessa lógica, houve relatos de que foram ignoradas nas suas respostas, que a condição de ser mulher passava a sensação que alguns conhecimentos podiam passar despercebidos, e que alguns professores faziam “vista grossa” e, muitas vezes, eram colocadas em um lugar de incapacidade.

Me3: Com certeza, para começar nas aulas é mais difícil porque as pessoas não acreditam tanto em ti, alguns professores quanto os colegas. Aí eles não te passam todas as coisas, não te incluem em todas as atividades e acabam facilitando algumas vezes as atividades para ti. (ENTREVISTA – Mulheres estudantes, 2019 – grifos nossos)

Nessa perspectiva, essas atitudes criam sentimento de impotência e de insuficiência nestas mulheres estudantes. Para que essas questões melhorem, apoiando-se nas bibliografias e as narrativas que se encontrou no diário de campo, grupos focais e entrevistas, acredita-se que a instituição pesquisada, assim como outras de Educação Profissional poderiam iniciar um espaço de representatividade e acolhida às mulheres estudantes dos cursos. Para isso, apontam-se algumas sugestões, a partir do estudo de Dorneles (2020):

1. Organizar e convidá-las para grupos com o objetivo de conhecerem-se, e entender o que buscam nos cursos de Educação Profissional, e como podem enfrentar os momentos de machismo e preconceito quando surgem em sala de aula. Assim, talvez evitando a evasão destas, que em algum momento podem ter a falsa crença que aquele curso em que estão matriculadas não é para elas;
2. Propor momentos nas turmas para reflexão sobre as questões discutidas com todos estudantes e professores;
3. Realizar seminários, trazendo mulheres renomadas e importantes que trabalhem na área em que elas estão cursando. E, alunas egressas que trabalham na área do curso. Nessa realidade, indicando representatividade tanto na Instituição, como no mundo do trabalho;
4. Formação para os (as) professores (as) com temáticas sobre o feminismo, e a importância da mulher naqueles cursos e áreas;
5. Acompanhá-las durante o seu percurso evitando a evasão, criando proximidade com a Educação Profissional, e incluindo-as em projetos que existam na Instituição, ou ainda criar projetos específicos para as mulheres estudantes;
6. Empenhar-se em trazer mais representatividade feminina como professoras, visto que este estudo apontou para o fato de não existir esta representatividade em sala de aula. Citado que a maioria dos professores são homens, mesmo cientes que existe um concurso, este foi um desejo manifestado pelas pesquisadas;
7. Divulgar resultados de pesquisas como esta para diálogo e reflexão.

Assim, considera-se primordial estar atento a todos os processos que fazem uma instituição, promovendo constantemente participação, reflexão e protagonismo aos sujeitos que fazem e vivem a Educação.

Considerações finais

Para pesquisar e aprofundar os estudos da Educação Profissional, trouxeram-se os entendimentos e a importância que esta política tem para a sociedade. Os diversos desafios enfrentados, ao longo da história, que atenderam e atendem, muitas vezes, os interesses do sistema capitalista, desafiam os pesquisadores e sujeitos da EPT a repensarem continuamente sua historicidade, realidade e práticas. As transformações que a Educação Profissional passou ao longo dos anos, até o momento de sua expansão, chegando em cidades brasileiras, inimagináveis trazem modificações nas vidas de tantos brasileiros e brasileiras.

O objetivo do texto foi descrever quem são as mulheres que acessam os cursos subsequentes de uma instituição de Educação Profissional e problematizar ações necessárias para que estas acessem, permaneçam e visualizem inserção no mundo do trabalho. Após reflexões teóricas e que advêm da pesquisa realizada, percebeu-se que as mulheres que acessam os cursos subsequentes na Instituição pesquisada têm, na maioria, entre 18 e 30 anos, são solteiras, possuem uma renda média familiar entre 1 e 2 salários mínimos e não possuem filhos. Os cursos de Educação Profissional são fundamentais na trajetória das mulheres, pois contribuem para sua formação e para a inserção no mundo do trabalho. Portanto, os cursos e as mulheres estudantes precisam ser mapeados, considerados e constantemente desenvolvidas ações para auxiliar no processo de inclusão, permanência e sucesso nas instituições e no mundo do trabalho.

Desde uma acolhida inicial a um espaço contínuo de diálogo com todos, não só as mulheres, precisam ser ações vivenciadas nas realidades de EPT. A seguir, destacam-se algumas sugestões: grupos para mulheres estudantes conhecerem-se e entenderem o que buscam nos cursos de EPT, para enfrentarem o machismo e tentarem evitar a evasão; momentos de reflexões - seminários com mulheres das áreas dos cursos e egressas e formação de professores sobre feminismo; acompanhamento das trajetórias das estudantes a partir de maior visibilidade e representação feminina e divulgação de pesquisas sobre mulheres (DORNELES, 2020).

Por fim, considera-se esta temática muito importante, pois possibilitou conhecer as mulheres estudantes dos cursos técnicos e dar voz, para que se sintam parte deste espaço tão significativo e para outras que irão no futuro ingressar nesses cursos. Aponta-se para a questão desta pesquisa possuir significada relevância pela situação de existirem poucos estudos nos cursos técnicos subsequentes sobre mulheres. Considera-se uma luta necessária a continuidade de reflexões sobre a temática em instituições que possuam Educação Profissional, assim resultando no conhecimento da trajetória das estudantes e dando visibilidade e representatividade a elas, tanto no espaço escolar como no mundo do trabalho.

Referência

ALMEIDA, Ana Paula. **Os movimentos dos cursos técnicos subsequentes sobre os sentidos do trabalho:** a (des) alienação dos trabalhadores-estudantes. Dissertação (Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ALMEIDA, Ana Paula; MARASCHIN, Mariglei Severo. **A política dos cursos técnicos subsequentes na produção dos sentidos do trabalho:** a (des) alienação do trabalhador-estudante. In Políticas na educação profissional: historicidade e realidades. Curitiba: CRV, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, (2018). Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/apresentacao-rede-federal>>

CTISM. **Projeto Pedagógico Colégio Técnico Industrial de Santa Maria**. Disponível em [<https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ctism/projeto-politico-pedagogico>] Acesso em 10/05/2020.

DORNELES, Thais S. **Mulheres na Educação Profissional: movimentos dos cursos subsequentes do Colégio Técnico Industrial**. Dissertação (Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FLICK, U. **Métodos de pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed – São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf> Acesso em 24/10/2020

MARASCHIN, Mariglei S. **Dialética das disputas: trabalho pedagógico a serviço da classe trabalhadora?** 2015. 316p. Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2015.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Ananda Fighera. Educação Profissional Brasileira e participação feminina: uma análise histórica. **Revista de Pós-Graduação em Educação**, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/2861>

SILVEIRA, Rozieli B. **O programa permanência e êxito no instituto federal farroupilha: trabalho pedagógico e fracasso escolar**. Dissertação (Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. 6º ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

Recebido em: 25 de abril de 2022.

Publicado em: 01 de junho de 2022.